

MÁRIO DE ANDRADE: MAIS QUE UM TURISTA APRENDIZ, UM POLÍTICO CULTURAL

Salete Paulina Machado Sirino *

Resumo: Mário de Andrade é conhecido tanto como um escritor renomado quanto como um articulador cultural, tendo em vista que atuou de forma decisiva no movimento modernista brasileiro, em especial na consolidação deste, em fevereiro de 1922, com a Semana de Arte Moderna. Mário de Andrade também atuou em prol da democratização da cultura, realizando pesquisas sociológicas e etnográficas sobre a cultura popular que resultaram, inclusive, na publicação do livro *O Turista Aprendiz*. Portanto, pelo trabalho como artista e em prol da organização de meios para o conhecimento e a difusão da cultura popular genuinamente brasileira, neste texto argumenta-se que Mário de Andrade teria sido um Político Cultural.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Turista Aprendiz. Político Cultural. Cultura Popular.

MÁRIO DE ANDRADE: MORE THAN AN APPRENTICE TOURIST, A CULTURE POLITICIAN

Abstract: Mario de Andrade is known as a reputed writer and also as a culture organizer, since he had played a decisive role in the Brazilian Modernism, especially on its consolidation in February of 1922 in the Modern Art Week. He had as well worked for the democratization of culture, carrying ethnographic and sociological researches about popular culture, which had resulted also on the book *O Turista Aprendiz*. Therefore, for his work as an artist and for the organization of means to make Brazilian popular culture known and diffused, it is argued on this text that Mario de Andrade was also a Culture Politician.

Keywords: Mario de Andrade. Apprentice Tourist. Culture Politician. Popular Culture.

Mário de Andrade e suas viagens etnográficas: uma política cultural

Mário de Andrade, no final da década de 1920, viajou pelo Norte e Nordeste brasileiros com o intuito de conhecer a identidade cultural das pessoas que viviam nessas regiões, com a intenção de registro e de difusão da cultura dos lugares e das pessoas que tais viagens lhe proporcionaram apreender.

A primeira viagem, ao Norte, que realizou entre os meses de maio a agosto de 1927, e a segunda, ao Nordeste, feita entre o final de 1928 e fevereiro de 1929, são consideradas as duas maiores viagens da vida de Mário de Andrade. Ambas são por ele registradas tanto em forma de diário manuscrito quanto por fotografias – à época, fotografar era uma atividade de poucos – legendadas minuciosamente.

Seus relatos de viagem, além de um registro da cultura do Norte e Nordeste, também podem ser visualizados como um diálogo constante entre a cultura erudita do poeta com a cultura popular que tais viagens lhe possibilitaram conhecer. Trata-se, portanto, de uma narrativa de viagem¹, na qual há uma mescla do registro da cultura apreendida com a expressão da visão e do sentimento do artista em relação

ao fato observado e/ou vivenciado.

No entanto, tanto a descrição objetiva do cotidiano quanto o olhar subjetivo de Mário de Andrade, são resultado de uma narrativa reflexiva, já que ocorrem tempos depois da experiência vivenciada. Tanto é assim que, quando de sua volta a São Paulo, parte de seus registros da primeira viagem serão publicados em dezembro de 1927, no *Diário Nacional* – órgão vinculado ao Partido Democrático – e também, em 1942, quando da reorganização desses diários de viagem, momento em que publica parte de seus registros na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, com o texto intitulado *Os Pacaás Novos*. Por esse motivo, ocorre a produção de um texto sem o calor da emoção do momento vivido, resultando em narrativa reflexiva², na qual permanece a intenção do escritor em difundir as manifestações culturais registradas em suas viagens, como legitimamente nacionais.

Para argumentar que Mário de Andrade atuou como um político cultural pautasse na reflexão sobre a concepção de Cultura e de Políticas Culturais, o que é uma empreitada complexa, já que os conceitos dos termos “cultura” e “política” são por demais abrangentes. No caso de Política adota-se a definição básica de que é a ciência de organizar, pleitear e dirigir as relações entre os Estados, envolvendo a diplomacia, a astúcia e a habilidade nas ações. Já a cultura pode ser conceituada como a evolução intelectual, o saber, os costumes e as artes – valores tradicionais de uma sociedade. Contemporaneamente, no contexto das Ciências Humanas, a concepção de Política Cultural é definida como práticas e diretrizes que vão marcar a produção, a organização cultural dentro da sociedade, na qual o embate político-ideológico é constante. Ou seja, sendo a cultura um conjunto de práticas, ideias e sentimentos simbólicos do homem com a realidade, a política com o propósito de organização, precisaria criar mecanismos com vistas à promoção tanto das manifestações artísticas e culturais quanto da democratização de acesso destas.

Dessa forma, torna-se possível a argumentação de que as ações de Mário de Andrade no Movimento Modernista Brasileiro, no Departamento de Cultura de São Paulo, e, em especial, nas intenções etnográficas de suas viagens ao Norte e Nordeste – presentes no livro *O Turista Aprendiz* –, o tornariam um político cultural.

Assim, Mário de Andrade teria atuado como um político cultural, tendo em vista seus objetivos de conhecimento e de difusão, como nacional, da cultura do povo do Norte e Nordeste brasileiros – que culminaram na publicação do livro *O Turista Aprendiz* –, por suas ações em defesa de uma arte genuinamente brasileira

junto ao Movimento Modernista Brasileiro e pelas ações que empreendeu em prol da democratização da cultura junto ao Departamento de Cultura de São Paulo.

Por serem comuns à época as viagens e o turismo como forma de aprendizado, Mário de Andrade se autodenominou um Turista Aprendiz. Por outro lado, alguns artistas que também realizavam viagens com essa finalidade, preferiam nominarem-se como viajantes, pela carga semântica que a palavra turista teria – um passeio efêmero em outros lugares e em outras culturas com interesse básico ao entretenimento e não em busca da reflexão e conseqüente construção de um saber sobre esses lugares e culturas. Entretanto, argumenta-se, que, independentemente da carga semântica que se dê às palavras viajante ou turista, Mário de Andrade, na realidade, teria atuado como um político cultural.

Diferentemente de outros escritores do movimento modernista, também escritores de crônica de viagens, Mário não foi a Paris, preferiu viajar e conhecer, especialmente, a cultura do povo brasileiro. Tal intenção está totalmente imbricada à premissa artística e cultural do Modernismo Brasileiro, o que também está, de certa forma, em sintonia com outros movimentos artísticos no contexto mundial, principalmente os de viés revolucionário que querem romper com o modelo de arte imposto até então e, no caso do Brasil, querem enfatizar o nacional como conteúdo nas manifestações artísticas.

Nesse aspecto, a partir da intenção etnográfica de Mário de Andrade, constata-se que ao pesquisar e registrar a cultura do Norte e do Nordeste, ao ir contra os paradigmas elitistas sobre a concepção do Folclore e da própria cultura popular e tentar uma aproximação entre a cultura erudita e a cultura popular, é evidente a posição política de Mário, o que o torna, assim como Maiakovski e Brecht, um político cultural. Tendo em vista que, enquanto Maiakovski defendia que o artista deveria ter consciência de seu papel histórico e Brecht acreditava que o discurso artístico era político e deveria nascer da necessidade do povo, Mário de Andrade pretendia mais do que conhecer e organizar as manifestações culturais do povo brasileiro, trazer tais culturas para o centro da produção artística da época – literatura, música, artes plásticas –, bem como visava aproximar a cultura erudita e popular.

Mário de Andrade X Uma breve visita conceitual em Política Cultural

Peter Burke, no livro *O que é História Cultural?* (2005), aborda o conceito de Cultura e sua utilização no campo histórico, situando tal conceito na análise das manifestações culturais visualizadas nas experiências históricas pretéritas, inclusive, evidenciando parâmetros para o estudo cultural. Já no livro *Hibridismo Cultural* (2003), esse autor reflete sobre o processo que ocorre por meio da construção e desconstrução das identidades culturais, em especial de caráter simbólico na apreensão mútua da cultura entre os sujeitos sociais. Esta problemática apontada por Burke pode ser percebida nas práticas de Mário de Andrade, já que este aproximava as culturas erudita e popular, tornando-as híbridas, no sentido literal da palavra, e simbólicas, no sentido da apreensão mútua dessas culturas.

Raymond Williams, um dos nomes fundamentais dos Estudos Culturais, no livro *Marxismo e literatura* (1979), propõe uma nova abordagem sobre a literatura, a vida cotidiana e suas interferências culturais que quebram a faceta da chamada alta cultura. Para ele, não há mais divisão entre alta cultura e baixa cultura, ou seja, a “baixa” cultura é um modo legítimo, tão enraizado nas festas populares, que também pode ser considerada uma cultura legítima – modo legítimo de existir –, que merece ser estudada tanto quanto a “alta” cultura. Tal concepção de Williams em relação à Cultura Erudita e à Cultura Popular, especialmente teorizada na segunda metade do século XX pelos Estudos Culturais, pode ser visualizada ainda na década de 1920 nas ações culturais de Mário de Andrade, tanto na consolidação do movimento modernista brasileiro quanto em suas viagens etnográficas ao Norte e Nordeste brasileiros.

Para Chauí (2006), no Brasil uma política cultural é indissociável da invenção de uma cultura política e a sua conseqüente implantação. A maior preocupação dessa autora, no entanto, parece ser com a conscientização por parte dos indivíduos, grupos e classes de que são sujeitos sociais e políticos. Contudo, atualmente, ainda é vigente um sistema político cultural no qual há privilégios para alguns e exclusão e opressão para outros – geralmente relacionados à questão econômica. Tal fato é mais visível na questão de separação entre cultura erudita e cultura popular.

Nesse aspecto, numa analogia entre essa questão de separação levantada por Chauí e a ação de Mário de Andrade, tornar-se-ia possível afirmar que esse poeta, consciente ou inconscientemente, formulava políticas culturais, visando a

aproximação da cultura erudita e popular, e mais do que isso, para ele, a questão de classe advinda do poder econômico não poderia dar valor maior à cultura erudita em relação à cultura popular, tendo em vista que ambas as culturas deveriam ser conhecidas e aproximadas já que eram intrinsecamente relacionadas, especialmente, pela nacionalidade.

Ainda segundo Chauí (2006), a cultura popular – produção cultural do povo – não deveria ser estanque da cultura de elite, pois a diferença na criação cultural não está na separação entre popular e elite e sim na experiência vivenciada entre ambas – a experiência cultural pode estar presente tanto na produção de elite quanto na popular. Tal afirmação de Chauí, se pensada em termos de política cultural, pode ser visualizada no livro *O Turista Aprendiz*, no qual Mário de Andrade, na prática, já proporcionava essa troca de cultura que resultaria numa experiência e produção crítica da cultura erudita e popular. Ou seja, nas viagens realizadas ao Brasil por esse escritor, além de suas intenções etnográficas, é perceptível o seu objetivo de promover o acesso do erudito à cultura popular e desta ao erudito. Para ele, havia um mesmo critério de valor, entre cultura erudita e cultura popular.

Além das crônicas de 'O turista aprendiz', a viagem ao Nordeste terá resultados também bastante significativos. Mário reunirá fortíssimo material de pesquisa sobre danças dramáticas, sobre melodias do Boi, sobre música de feitiçaria, religiosidade popular, crenças e superstições, poesia popular. No decorrer de sua vida irá aproveitando muitos elementos dessas pesquisas em artigos, ensaios e conferências. (LOPEZ, 1983, p. 21).

Pela citação de Lopez, constata-se que os dados coletados e registrados nos diários de viagens de Mário de Andrade são fundamentais na difusão de uma cultura popular que crê na força da dança dramática, nas melodias de Boi, nas músicas de feitiçaria, na religiosidade, crenças, superstições e na poesia do povo do Nordeste. Assim, percebe-se que Mário de Andrade atua como um político cultural – que organiza e promove a difusão e o acesso a essas manifestações artísticas e culturais.

No *Dicionário crítico de política cultural: Cultura e Imaginário* (1999), Teixeira Coelho se posiciona politicamente sobre a opção teórica adotada no referido dicionário, ou seja, valoriza a tradição teórica de viés sociológico, especialmente marxista, acerca do tema Políticas Culturais, bem como pontua que tanto quanto esse viés, tal tema também precisa ser conceituado a partir de teorias do imaginário.

Esse autor – que concebe Política Cultural como a ciência da organização das estruturas culturais – propõe uma estrutura de análise biorientada para o fato cultural e o fato político-cultural. Portanto, há que se considerar lado a lado o esquema sociológico – materialista – e o esquema imaginário – imaterial. Ambos os esquemas são entendidos por esse autor como estruturas que garantem um funcionamento harmônico.

Teixeira Coelho (1999), que afirma que na contemporaneidade a Política Cultural precisa ser uma política que contemple o desejo e que, portanto, não se esconda atrás do discurso facilitador e demagógico da necessidade, e que se abra para o prazer – para a felicidade –, também enfatiza que a Política Cultural jamais será um exercício controlável e, dessa maneira, assume a sua expressão máxima na figura da ação cultural, entendida como a criação das condições para que os indivíduos e os grupos criem seus próprios fins.

Essa força dada a ação cultural por Teixeira Coelho (1999), dentro do contexto da Política Cultural, pode ser articulada às intenções etnográficas de Mário de Andrade nas viagens cultura brasileira adentro, em cujas viagens podem ser percebidas ações culturais que iam além da ação de um turista aprendiz, já que buscou o primitivo, o rústico e o arcaico, com o objetivo de agregar-lhes autenticidade – identidade nacional.

Ao longo de suas leituras de obras de Folclore, Mário irá entendendo o Norte e o Nordeste como ricos repositórios de tradição e cultura popular, que anseia conhecer diretamente. Em 1926 projeta uma viagem para o Nordeste, pensando talvez em realizar o que chama 'trabalho etnográfico', ou seja, coleta de documentação. Nessa época, é necessário que se ressalte, nosso escritor, que estuda o Folclore e recolhe documentos, já não considera o Folclore como uma disciplina isolada, autônoma, colocando-se muito lucidamente enquanto ciência social, como Etnografia, pois não dispunha de meios para diferenciar as atribuições da Antropologia cultural, da Etnografia e da Etnologia. Assim fazendo está se insurgindo contra uma posição elitista de seu tempo que congelava o Folclore, dissociando-o dos demais fenômenos da sociedade e reduzindo-o à valorização do 'pitoresco'. (LOPEZ, 1983, p. 16).

De acordo com Lopez, Mário de Andrade realiza leituras sobre o Folclore, as quais lhe inspiraram o desejo de conhecer a tradição e a cultura popular do Norte e Nordeste. Concebendo ao Folclore o valor de uma Ciência Social, formula um projeto etnográfico com vistas à coleta de documentação sobre a cultura popular

dessas regiões. Inclusive, posiciona-se politicamente contra a visão elitista da época que reduzia o Folclore ao pitoresco e o separavam de outros fenômenos sociais.

Partindo da definição de Política Cultural de Teixeira Coelho (1999), seria possível afirmar que a postura de turista aprendiz de Mário seria duplamente política: uma que organiza e sistematiza uma pesquisa de determinadas manifestações artísticas e culturais; e uma que assume o ponto de vista de que tais manifestações advindas da cultura popular dessas regiões são nacionais e, portanto, têm o mesmo valor da cultura erudita. E, ainda, as viagens desse escritor se caracterizam pelo tom organizacional que adquiriram: em cada nova cidade, o poeta modernista encontrava com políticos, conhecia novos artistas e manifestações culturais típicas de cada região. Mário preocupou-se com as relações de produção e com as classes sociais, abandonando a ideia do pitoresco e exótico relacionado ao regional, aproximando-se, desta forma, da teoria marxista em suas crônicas pós-viagem.

Martins Cezar Feijó (1983) reflete que se cultura é liberdade e política é organização, não se pode conceber cultura a serviço da política e nem política a serviço da cultura. Feijó enfatiza que com o advento do capitalismo, especialmente com a Revolução Industrial, o projeto político-cultural passou a ser um importante momento da luta política. Essa Política Cultural visava romper a barreira que separava os intelectuais revolucionários da massa operária e lutar contra as ideias dominantes que promoviam a separação dos operários de seus interesses históricos mais profundos.

A partir da conscientização de classe – de ordem marxista – Feijó discute os mais significativos modelos de Políticas Culturais, entre eles os das Revoluções da Rússia, da China e de Cuba, intercalando a essa discussão teórica a relação entre estética e política. Especialmente sobre os artistas que têm papel relevante nessas revoluções, na Rússia, enfatiza a ação de Maiakovski, que era considerado o poeta da revolução russa e também o primeiro a enfrentar a questão do ponto de vista da prática cultural num processo revolucionário, e não apenas de um ponto de vista teórico, ou seja, tem uma postura política já que acreditava tanto na necessidade de se “elevar” a cultura do povo, quanto no fato de que o verdadeiro poeta não é o que segue regras estéticas, mas o que as cria.

Guardadas as devidas proporções espaciais, econômicas, políticas e sociais, a postura de Maiakovski em relação às manifestações artísticas e culturais pode ser aproximada da de Mário de Andrade, já que ambos defendiam: o direito à pesquisa

estética, o desejo de ampliar os raios de ação das obras culturais e o papel inovador da arte vanguardista.

Feijó (1983) continua evidenciando, em outros países, modelos de políticas culturais de artistas e intelectuais, entre eles de Brecht – o poeta, dramaturgo e teórico teatral – que acreditava que o discurso artístico era político e cujo discurso deveria nascer da necessidade do povo. Sendo que para ele não existia um artista, mas o coletivo – grupos que nascem do povo e que são a expressão do próprio povo. Para Brecht, a arte é política porque acreditava que por meio desta seria possível a transformação da consciência e da ação dos sujeitos em relação à sociedade na qual estariam inseridos.

No contexto brasileiro, entre os modelos de políticas culturais que Feijó destaca, está o de Mário de Andrade, para quem a preocupação com uma política cultural ocupou grande parte de sua vida, cuja preocupação está expressa não só em sua obra literária e crítica, mas na sua prática de homem público, que não se contenta com os louros do modernismo e avança em pesquisas etnográficas, no incentivo à democratização da cultura e que objetivava condições para a criação de um Instituto Brasileiro de Cultura. Democratizar seria, então, aproximar culturas, não isolá-las. Essa seria uma política cultural do movimento modernista: atualização da inteligência brasileira, direito permanente à pesquisa estética e a reflexão sobre a sua própria realidade cultural, empreendida, particularmente, por Mário de Andrade.

Lopez³ transcreve trecho da carta datada de 06 de abril de 1927, em que Mário de Andrade escreve ao amigo Manuel Bandeira, expondo seus sentimentos em relação à preparação da viagem que decidiu fazer pelo Amazonas. O autor não se preocupa em dizer que fraquejou em aceitar o convite de Dona Olívia, e que resolveu “mandar à merda sua vida de merda”, e seguir tal viagem, desde que seus poucos recursos deem conta de bancar os custos desta.

Então em 1927, a caravana da 'descoberta do Brasil' resolve partir novamente, desta vez, rumo à Amazônia. A 6 de abril desse ano, o escritor confia a Bandeira seu entusiasmo e suas hesitações: 'Estava planejando dar um pulo até Poso Alegre ver você, porém de supetão de domingo para cá minha vida deu um salto-mortal danado. Creio que vou pro norte mês que vem, numa bonitíssima duma viagem. Dona Olívia faz tempo que vinha planejando uma viagem pelo Amazonas adentro. E insistia sempre comigo para que fosse no grupo. Eu ia resistindo, resistindo e amolecendo também. Afinal, quando tudo quase pronto, resolvi ceder mandando à merda esta vida de merda. Vou também. Isto é, ainda não sei bem se vou, só

falta saber o preço da viagem. Se ficar aí por uns quatro contos, vou, se ficar pra cima de cinco não vou. Tenho que emprestar dinheiro pra ir e isso vai me deixar a vida bem difícil depois e os projetos no tinteiro.' (LOPEZ, 1983, p. 17).

Assim, entre outras ações culturais de Mário de Andrade, por meio do estudo de *O Turista Aprendiz*, pode-se constatar o diálogo entre a cultura erudita desse poeta e a cultura popular que apreende nessas regiões, bem como comprovar que tais culturas pela ação empreendida por esse poeta são transpassadas para além dos sujeitos envolvidos nessa experiência cultural – ele e a gente que conheceu.

Portanto, as ações culturais de Mário de Andrade, entre elas no contexto etnográfico e literário, podem ser situadas no campo da Política Cultural, tendo em vista que essas ações propiciaram análises bibliográficas de práticas culturais e a apreensão e difusão da Cultura Popular, com especial destaque para a questão da nacionalidade.

Notas

* Salete Paulina Machado Sirino é Professora Assistente do Curso de Cinema e Vídeo da UNESPAR/FAP, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Cinema, com ênfase em Produção, da UNESPAR/FAP e doutoranda em Letras pela UNIOESTE, Linha de Pesquisa: Cinema, Teatro, Literatura e Sociedade. E-mail: saletems@uol.com.br

¹ No texto *Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras* (2001), Thaís Velloso Cougo Pimentel faz um panorama sobre a importância das viagens como forma de conhecimento e mapeamento do mundo. Sobre essa prática no Brasil, aponta algumas viagens ocorridas, na primeira metade do século XX, interessando-se pelo conhecer da atitude e a forma de construção do relato do viajante, citando entre os viajantes vinculados ao movimento modernista brasileiro – que preferiam cruzar o oceano de navio – Oswald de Andrade, Antonio Alcântara Machado, Olavo Bilac. Assim como estes, Mário de Andrade é escritor de *Crônica de Viagem*, contudo, não faz parte do rol de escritores que cruzou o oceano, especialmente, para ir a Paris, já que preferiu viajar e conhecer a cultura de seu próprio país. Entretanto, nas crônicas de viagens desses autores é possível a percepção dos momentos que constituem o ato de viajar, que conforme Pimentel, são descritos por Amoroso Lima como: a preparação, a realização, a volta, a evocação.

² Ainda segundo Pimentel, a evocação para Amoroso Lima é o quarto momento da viagem, ou seja, neste momento o relato é construído via reflexão tanto do fato pesquisado – observado, experienciado – quanto pela reflexão de todo o processo que motivou a viagem.

³ Lopez continua afirmando que o que motivou a decisão do poeta por essa viagem foi o fato da Amazônia ser tema de seus textos – desde os primeiros escritos –, além do fato de naquele momento estar escrevendo *Macunaíma*.

Referências

ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. LOPEZ. Telê Porto A. (org.). São Paulo:

Livraria Duas Cidades Ltda., 1983.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 1999.

FEIJÓ, M. C. **O que é política cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Viagens etnográficas de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda., 1983.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. In: **Varia Historia**. Nº 25. Belo Horizonte: Depto de História da Fafich, UFMG, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

Recebido em: abril de 2012.

Aprovado em: julho de 2012.